

Entrevista

“Então, nós vivemos o racismo ambiental...”

Aline Christina Marins Marinho e Maria Sueli Barreto

Entrevistado por

Thiago Roniere Rebouças Tavares



345

Aline e “Dona” Sueli na laje da casa da segunda, destacando os resíduos siderúrgicos nas mãos levantadas. Em último plano, no lado direito da fotografia, pode-se ver parte da chaminé da empresa Ternium Brasil. Fotografia: Thiago Roniere Tavares, 23 de março de 2022.

Aline Christina Marins Marinho, conhecida somente como **Aline**, e Maria Sueli Barreto que, sem rodeios, gosta de se apresentar por “**Dona**” **Sueli**, são mulheres com personalidades bem distintas, mas que foram unidas pela necessidade de lutar por uma causa: a (in)justiça ambiental. A resistência que ambas constroem não é muito diferente de outros casos observados no Brasil e na América Latina.

Segundo o *Observatorio de Conflictos Mineros de América Latina (OCMAL)*,¹ até o primeiro semestre de 2022 pode-se registrar na região pelos menos 1055 casos envolvendo disputas de terra, questões sobre impedimento de acesso à água, denúncias por contaminação de ambientes, criminalização de ativistas, entre outras dinâmicas que dizem respeito a mineração e sua cadeia produtiva, como é o caso da siderurgia. No quadro da instalação de usinas siderúrgicas, em geral, a resistência é realizada por grupos que sócio e historicamente são menos favorecidos, e especialmente são alvos de desastres, impactos, violações e crimes ambientais, entre outros diversos tipos de efeitos nocivos decorrentes da instalação destes empreendimentos nas proximidades de suas casas. Especificamente, **Aline** e **“Dona” Sueli**, lutam juntas, denunciando os impactos ambientais causados pela instalação da usina siderúrgica Ternium Brasil, no bairro de Santa Cruz, na cidade do Rio de Janeiro.

A empresa que inicialmente pertencia ao grupo alemão *Thyssenkrupp* e à *Vale S.A.* é alvo de queixas por parte da população, pesquisadores e ambientalistas, desde o anúncio de sua chegada, em 2005, quando 75 famílias ligadas ao *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)*, foram removidas do terreno destinado à empresa pelo governo estadual. Na sequência, em sua fase de instalação, o *Ministério Público do Trabalho* entrou com *Ação Civil Pública (ACP)* contra a vinda de estrangeiros para obra, já que foi identificada a contratação de mais de 120 chineses trabalhando de forma irregular de acordo com a legislação nacional². Em sua fase pré-operatória, ocorreu um evento chamado de “chuva de prata”, originado pela aerodispersão de fuligens com tom prateado que, oriundos do processo em que a cristalização do ferro gusa, foi armazenado ao ar livre de forma inadequada pela empresa. Esta situação acontece por três vezes e despertou a atenção de pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), que realizaram diversos exames clínicos em moradores do bairro e diagnosticaram diversos problemas de saúde em virtude da toxicidade dos efluentes poluidores lançados na atmosfera pela empresa. Estas, entre outras situações lembradas por **Aline** e **“Dona” Sueli** nesta entrevista, convergiram para um imbróglgio jurídico que dificultou a empresa a receber a concessão de seu licenciamento ambiental em 2016, quando o *Ministério Público do Rio de Janeiro*, através do *Grupo de Atuação Especializada em Meio Ambiente (Gaema)*, obteve resposta favorável à sua *Ação Civil Pública*, que impedia a *Comissão Estadual de Controle Ambiental (CECA)* de deliberar sobre o Licenciamento Ambiental da empresa em sua reunião. Contudo, a mesma *Juíza*, pertencente ao *Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJ-RJ)*, que concede esta ação no dia 20 de setembro de 2016, revogou sua decisão, e no dia 28 de setembro – uma semana depois –, a usina recebeu a licença ambiental pela CECA. Um ano após receber o licenciamento, em setembro de 2017, a empresa foi vendida para o grupo ítalo-argentino Ternium por 1,5 bilhão de euros, que até o corrente ano, ainda permanece como proprietário da usina enquanto pleiteia sua renovação ambiental frente aos órgãos responsáveis.

Como poderá ser lido na entrevista, ao mesmo tempo em que as contestações à empresa se mantêm vivas nas falas das ativistas por todo o período elencado acima, por outro lado, as ações do empreendimento no bairro aparecem restringidas a projetos sociais, sem nenhuma

¹ Para mais, consultar: OCMAL. Conflictos Mineros em America Latina. 2022. Disponível em: <https://mapa.conflictosmineros.net/ocmal_db-v2/conflicto>. Acesso em 19/04/2022.

² Para mais, ver: <<https://extra.globo.com/economia-e-financas/procuradoria-entra-com-acao-contra-csa-por-mao-de-obra-chinesa-irregular-em-santa-cruz-557948.html>>.

conotação ambiental. Ações estas praticadas conjuntamente a outras estratégias de cooptação que visavam, entre outros objetivos, desarticular o grupo de moradores organizados em razão da injustiça ambiental vivenciada no bairro. Contudo, mesmo com a permanência e o maior investimento na sofisticação das estratégias de cooptação, a empresa não conseguiu retirar destas mulheres sua contrariedade aos efeitos nocivos que elas, seus familiares e vizinhos, sentem cotidianamente. Por isso, suas vozes se uniram e continuam ativas.

Aline, que tem predileção em ser identificada enquanto mulher, preta e ambientalista, possui 27 anos e morou toda sua vida em Santa Cruz (RJ). Hoje, divide parte de seu tempo no traslado semanal entre Santa Cruz e o município de Campos dos Goytacazes (RJ), onde cursa Ciências Biológicas na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

“**Dona**” **Sueli**, com 70 anos de idade, chegou muito nova em Santa Cruz e mora no bairro há mais de 67 anos. Trabalhando como agricultora nas colônias japonesas que existiam no bairro, sua memória alberga histórias sobre as transformações da área rural, ao receber a instalação das primeiras indústrias.

A entrevista, concedida a **Thiago Roniere Rebouças Tavares**, ocorreu na casa de “Dona” Sueli. Localizada na Avenida João XXIII, assim como várias outras casas, ela está entre as duas portarias de acesso à siderúrgica Ternium. Foram vários os momentos em que, no decorrer de nossa conversa, as entrevistadas gesticulavam apontando para a empresa e apresentavam o material particulado (resíduo siderúrgico) no chão, nas janelas, na mesa, para evidenciar a problemática que relatavam. Com o objetivo de tentar exprimir estas imagens aos leitores, identificamos estes momentos entre parênteses. Esse é o ambiente que elas nos descortinam no transcurso da entrevista.

A chegada da usina siderúrgica

TRT: Primeiramente, agradeço a vocês por estarem disponibilizando parte de seu tempo para a realização desta entrevista. Bom, entre outras características, o bairro de Santa Cruz chama atenção pela quantidade de empresas instaladas, sobretudo, em virtude da construção de seu Distrito Industrial, na década de 1970. Como consequência, os moradores do bairro têm convivido com diversos problemas

ambientais decorrentes da localização destas empresas, algumas próximas às casas, outras próximas aos rios, mangues, por exemplo. Isso parece ter se agravado desde quando se iniciou a instalação da usina siderúrgica TKCSA, em 2005 (desde 2017 *Ternium Brasil*) que, inclusive, opera aqui do lado de sua casa “Dona” Sueli, local onde estamos realizando esta entrevista. Então, dito isso, gostaria de pedir que nos dissessem como foi que vocês, e os moradores de forma geral, começaram a sentir os

impactos da empresa no bairro? Como e quando tudo isso começou?

DS: Olha, eu sou moradora daqui há sessenta e sete anos. Aqui era um lugar que era um paraíso. A gente respirava um ar puro. A gente pescava nesse rio aqui que é o São Fernando, que hoje é um esgoto para a comunidade. Tinha muita plantação. Existia muito japoneses que plantavam muitos legumes. Então a gente comia coisas saudáveis, sem poluição, sem nada. Muitos colocam a culpa na *Cosigua/Gerdau*, mas eu não tenho nada para dizer. Ela está instalada aqui há bastante tempo. Eu não sou de escrever muito, mas quem pesquisar vai ver que ela tem muitos anos aqui, e nunca nos prejudicou. Tinha também uma indústria de tinta, mas nunca nos prejudicou. Agora, esta empresa, a Ternium, quer dizer a *TKCSA*, primeiro, quando ela chegou, eu não sabia o que ia acontecer. Eu andava muito para pegar esterco para colocar em plantas, aqui era um lugar que você podia andar, podia plantar, podia colher.

Quando esta empresa começou a chegar, eu vi o movimento. Eu escutava carro entrando e andando ali atrás (“Dona” Sueli aponta para o quintal de sua casa), máquina limpando, então eu fiquei meio perdida. Eu não sabia o que ia acontecer. Então, quando foi um dia, apareceu um moço de outro país e o motorista traduzia. Eles me fizeram perguntas e eu respondia. Eu andava

pegando galhos para os pés de tomate e pimentão que eu tinha ali atrás, e ele parou a picape e pediu para o motorista me perguntar se tinha algo perigoso ali, porque até então só tinha mato. Eles fizeram somente uma rua que passava com as máquinas e que na frente estavam derrubando tudo, as árvores... Eu falei: “Olha, o perigoso que eu sei aqui, são as cobras, mas tem outros animais. Muito carrapato, mas tinha boi que o seu Vitorino criava, mas tinha muita capivara”. O motorista traduziu para ele, e ele pediu o motorista para agradecer. Entraram na picape e foram embora. Eu fiquei pensando assim: “O que é que vai ser? Porque que estão acabando, desmatando com tudo, né?”.

Aí começou a aparecer na nossa casa os animais vindos de lá. Jacarés imensos. Até então, eu nem sabia que tinha jacaré aí. Um dia que eles não estavam, eu atravessei lá e fui ver. Eles tinham colocado uma cerca para os bois do Vitorino não avançarem e as máquinas não atropelarem. E pensei novamente: “O que é que está acontecendo? Já colocaram a cerca. O boi tá pra lá. Eles continuam entrando. Arrancando e arrancando as árvores todas, com raízes e tudo”.

Passou muito tempo, não sei quanto meses, apareceu um rapaz em Santa Cruz fazendo uma pesquisa. Aí ele me parou ali na subida do viaduto. Eu tava pegando o ônibus para vir pra cá, e

achei que ele queria saber como pegava o ônibus. Eu perguntei o que era, e ele me falou que estava fazendo esta pesquisa porque ia vir uma siderúrgica aqui para Santa Cruz. Eu falei que já tinha uma, a *Cosigua*. Ele disse que iria vir outra. Eu pensei comigo: “*Mais uma?!*”. Ele perguntou como era o lugar aqui. Eu citei alguma coisa pra ele, e falei que já ia, pois estava com pouco tempo. Depois eu coloquei minha mente para pensar, e vendo as máquinas ali atrás, pensei comigo: “*Será que a empresa vai entrar aqui atrás?*”. E o movimento aumentando, as máquinas todas...



Aline e “Dona” Sueli na área da casa de “Dona” Sueli, concedendo entrevista. Fotografia: Thiago Roniere Tavares, 23 de março de 2022.

Depois os bois sumiram. Tiraram aquela cerca, mudaram pro outro lado. E entrava máquinas, e mais máquinas, e muitos homens. E era uma barulhada. E tinha um *valão* pequeno aqui e eles aterraram tudo para poder passar, era o São Fernando, né. Eles tamparam para as máquinas passarem e depois

destamparam. Aí eu ia ali para trás para ficar olhando e pensava: “É aqui que vai ser esse problema”. Aí o povo que não entendia nada, ficava botando a mão pro céu e dizendo: “Nossa, o comércio aqui vai ser bom. As casas aqui vai valorizar. A gente vai ganhar muito dinheiro. Vamos colocar pensão, que vai entrar muito homem. Vai ter muito trabalhador. Quem tem casa par alugar, pode alugar. Vai ganhar muito dinheiro”. Eu e eu só aqui na minha. Nunca fui de pensar em ambição. E pensei, eu acho é que vai piorar o negócio.

TRT: Mas, antes disso, a empresa não chegou a passar por aqui divulgando, informando para os moradores que ia se instalar no bairro? Não houve nenhum político apresentando o projeto? Nunca falaram com a associação?

ACMM: Não, não houve nenhuma informação. A associação só apareceu muito tempo depois.

DS: Não tinha associação aqui. Eu lembro que tinha quando minha filha era muito pequena. A “Dona” Terezinha que cuidava e ajudava muita gente. Mas ela faleceu logo depois que seu marido e seu filho, que também era especial, faleceram. Ficou uma pessoa no lugar, mas não foi pra frente. Mas quando a empresa chegou, ninguém comunicou nada para ninguém aqui.

Então, aquilo foi evoluindo, o negócio foi crescendo aí atrás, limpando tudo. Aí pensei: “Acabou tudo. O lugar de pegar meus galhos, esterco para cuidar das plantas”. Lembro que o filho da minha filha mais velha vinha para cá, a gente ia pra lá pegar pé de tudo. Pé de Jamelão que ele adorava. Só depois de muito barulho. Aquele bate estaca. Batia lá e tremia tudo aqui. Todo dia, noite e dia. A gente não dormia. Aí meu irmão, que era mestre de obras, veio aqui e disse isso é o bate estaca da empresa que vai chegar. Ele me disse que já tinha conversado com os engenheiros da cidade e que esta firma ia dar muitos trabalhos, mas que ia dar muito problema. Aí eu pensei: “Em vez de vir ajudar o povo, vem para poder trazer problema”. O problema taí (Dona Sueli aponta para direção da empresa).

TRT: Então, quer dizer que os problemas que a empresa gera no bairro, começaram bem antes mesmo dela começar a operar. Quando ela estava se instalando já existiam problemas?

DS: Sim. Poeira. Era muita poeira quando eles começaram a jogar aterro aqui. Olha, dizem que eles desmancharam um morro no conjunto dos Jesuítas para poder aterrar aqui. Era dia e noite os caminhões passando aqui. Aquela areia vermelha, porque era de morro. Aí a poeira começou na nossa casa. Você limpava e

era mesmo que nada. Agora é pior porque é poeira preta, por causa do pó de ferro. Você viu aí na janela (“Dona” Sueli aponta para direção da janela). E as vezes piora porque tem um cheiro horrível.

TRT: Entendo, “Dona” Sueli. Mas antes de entrarmos no assunto da poluição atmosférica, que é conhecida por vocês aqui como “chuva de prata”, além dos outros impactos, eu queria perguntar para vocês se quando a empresa chegou, houve uma divisão da comunidade, entre quem nutria uma expectativa boa sobre a chegada da empresa, e outros que encaravam de forma negativa sua chegada?

ACMM: Eu acho que nem teve esta divisão. Eu acho que todo mundo achou que seria bom. Porque foi prometido emprego, desenvolvimento para a região. Mas isso não aconteceu. O emprego teve no início para mão de obra, e até hoje também tem pra este setor, só que bem menos. Veio também muita gente de fora. Veio gente de outros países. E isso também foi algo que afetou diretamente as meninas por aqui. Porque vieram muitos coreanos, chineses...

DS: Vários eram ex-presidiários que vieram cumprir pena aqui.

ACMM: Então eles vieram cumprir pena e eles ficavam soltos aqui. A gente não sabia quem eles eram. Então, eu era mais nova na época, e eu não saía de casa direito. Como ninguém sabia quem era, minha mãe não me deixava nem sair de casa. Antes era uma coisa que a gente sai na rua de noite, andava de bicicleta, mas que agora não podia mais, porque tava perigoso.

Então começou também o problema com os pescadores. Eles não conseguiam mais pescar direito. Isso eu lembro bem, porque meu pai era pescador. Aí começou também a questão da segurança. Eles tentaram barrar os pescadores em alguns lugares.

TRT: Aline, mesmo com tudo isso, enquanto alguém que é mais jovem, você não chegou a criar alguma expectativa positiva com relação a chegada da empresa? Eu estou perguntando isso para você, porque muitos jovens desejam um emprego em uma grande empresa, ainda mais esta que tem um destaque internacional. Isso não foi algo que despertou seu interesse?

ACMM: Não, eu nunca pensei nisso. Até porque meu pai, Seu Ozeas³, sempre foi crítico à empresa, e eu também já

estávamos na linha de permanecer com uma linha crítica a empresa. Então, eu nunca almejei nada da empresa, pelo contrário. Mas eu tenho muitos amigos que fizeram o jovem aprendiz no SENAC⁴ e iam para empresa. Só que eles passavam somente seis meses na empresa e depois disso não tinha mais nada.



Imagem do Coletivo Martha Trindade. Ao centro, Aline com seu pai, “Seu” Ozeas. Foto: Coletivo Martha Trindade, 2017.

Então, muitos amigos meus fizeram, mas não davam continuidade, porque eles sempre traziam estas mãos de obra mais qualificadas de fora. Este setor não é ocupado por pessoas da região. Aqui é mais gente para trabalhar no alto-forno ou como foi no início, na construção, na limpeza e outros, como na parte mais pesada. Mão de obra qualificada não vem daqui.

destaque como liderança nas lutas contra os impactos ambientais gerados pela Usina Siderúrgica no bairro.

⁴ Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.

³ Ozeas Quintanilha Marinho, conhecido como Seu Ozeas, faleceu com 90 anos, em 2022. Além de ser pescador e agricultor em Santa Cruz, também gostava de ser identificado como ambientalista. Morava no bairro há mais de 60 anos e tinha grande

A “chuva de prata” e a organização popular

TRT: Agora entrando nos problemas ocorridos quando a empresa começa a operar. Quais foram os principais problemas?

ACMM: A “chuva de prata” e as inundações.

TRT: Vamos começar com a “chuva de prata”. O que é essa “chuva”?

DS: É o pó de ferro, né! Quando aconteceu, foi muito. Olha, naquele dia eu fiquei horrorizada. Não tinha onde colocar tanta poeira. Era em cima do armário, em todo canto. Eu durmo com a janela aberta, mas ela tem tela. Aí os fininhos passavam e os grandes ficavam. Era muito pó. Eu falava: “Gente, o que é que é isso?”. Aí nós começamos realmente a nos preocupar, né, com a nossa respiração. E até então eu não sabia que era pó de ferro. A gente não tinha nenhuma informação.

Um dia comentaram comigo que era pó de ferro. E a “chuva de prata” continuou. Soltava muito. À noite então, nem se fala. À noite você colocava uma peça de roupa escura, e no outro dia tinha que passar uma escova. Isso era todo dia.

Aí foi onde começou a aparecer um grupo de moradores. Eu não sei como

começou. Quem puxou o fio da meada, eu não sei. Mas me disseram que ia ter uma reunião sobre a empresa. A reunião foi ali no pátio perto da escola, que tem uns banquinhos. O pai da Aline (“Seu” Ozeas) foi várias vezes também. Na primeira reunião tinha pouca gente. Até passou um carro com som convidando as pessoas. Mas na segunda, disseram pra gente, que a informação sobre nossa reunião vazou para dentro da empresa, e muitas pessoas que moram aqui e trabalham lá, no forno, na limpeza, participaram de uma reunião lá dentro da firma, e foram informados que quem participasse das reuniões aqui e fosse contra a firma seria mandado embora.

Então, aqui começou de pouquinho. Muitos pais de filhos que estavam trabalhando lá, vinham, mas não vinham muito. E quando vinham, não se identificavam, porque se fossem identificados o filho poderia perder o emprego. O seu Gilberto era um. Ele vinha escondido até do filho dele. E depois o filho dele foi também mandando embora. Adiantou alguma coisa?

TRT: Quer dizer que a poluição ocorria todo dia, e mesmo a empresa consciente que os moradores estavam se reunindo para discutir, ela não fez nada para diminuir ou dialogar com a comunidade? Ela continuou operando e lançando a “chuva de prata” na comunidade?



Parte da usina siderúrgica. Fotografia: Thiago Roniere Tavares, 2019.

ACMM: Sim. Estava tendo a “chuva de prata” e os moradores começaram a se juntar para poder fazer a denúncia. E aí, juntávamos o pó em um pote, e tentávamos levar para televisão. Isso saiu em muitas reportagens. Tudo para denunciar o caso. Realmente eu acho que só foram diminuir, quando nos falaram que tinham colocado um filtro. Foi a pressão que foi feita.

DS: Vieram várias reportagens para denunciar. Veio a Bandeirantes, SBT. Eu até tenho CD de uma repórter que gravou. A divulgação na imprensa foi que deu uma animada no grupo de moradores, que ficou mais forte.

ACMM: A partir destas denúncias que a imprensa começou a vir e aí pressionou a empresa. Aí eles fizeram as medidas paliativas. Mas, assim, cair o pó, cai até hoje. A gente vê ainda. Na época era muito. Na minha casa que é um pouco mais distante, a gente sentia um pouco

menos, mas aqui que é do lado (Aline aponta para direção da empresa), você podia juntar e colocar num pote. Eu lembro que a gente colocava num pote de vidro, e como era muito pó, mesmo ele sendo muito fininho, a gente enchia vários potes.

E aí, o problema é que a gente não vê as consequências na hora. As consequências vêm no longo prazo, igual a gente começa a ver agora. As crianças com muita bronquite, com problemas respiratórios, problemas de pele. Minha irmã é altamente alérgica. Ela não pode ficar em contato com nenhum tipo de poeira, nem nada. A pele dela fica ferida. Ela tem que estar o tempo todo com pomada, sabonete específico. Porque começa a desenvolver estes tipos de doença. Coração é outro problema. Existem muitos casos de gente enfartando. Se você conversar com o Jaci (pescador e morador do bairro), ele fala do tanto de gente aqui no Alvorada (conjunto habitacional) que começou a enfartar. Inclusive, gente nova. Começou a ter maior incidência deste tipo de doença aqui. E é uma coisa que nós não conseguimos os dados por causa da empresa. A gente já tentou ter estes dados várias vezes. A clínica da família é *fechada* com a empresa. O hospital é *fechado* com a empresa. Você perguntou sobre a associação de moradores, ela é *fechada* com a empresa.

Quando começou a ter as audiências públicas, né, que a gente ia pra falar sobre nossa situação, a empresa levava mais de 200 pessoas da própria empresa pra estar lá do lado deles, fora a associação.

DS: Sim, eles reuniam os jovens aprendizes que trabalhavam na empresa para chegar lá na audiência pública e fazer barulho contra nós. E era muita gente. Uma multidão contra a gente.

TRT: Disseram-me que algumas pessoas foram pagas para ficar do lado da empresa.

ACMM: Mas foram mesmo. Fora que teve um moço ali na frente que abriu um reforço escolar. O moço da associação também.

DS: Aqui mesmo no Alvorada (conjunto habitacional), muita gente foi comprada para não deixar a reunião acontecer.



Tubo de ensaio com material particulado coletado por moradora em sua residência. Fotografia: Thiago Roniere Tavares, 2019.

Desmobilização: benfeitorias e projetos sociais

TRT: E sobre estes projetos, como este do reforço escolar, mas também aqueles voltados para arte, para o esporte, vocês acham que a empresa os realiza por quais objetivos?

ACMM: Na verdade é um cumprimento de condicionantes, mas eles não falam que é. A população acha que é benfeitoria da empresa. Ela pensa que é algo que o governo deveria estar fazendo, mas não está, como o reforço escolar, as atividades esportivas, a reforma de escolas. Tudo quem faz é a empresa, então ela acaba passando uma boa imagem para população que não está entendendo o que está acontecendo de verdade.



Aulas gratuitas de basquete para jovens. Projeto social da siderúrgica Ternium no bairro de Santa Cruz. Fonte: TERNIUM, 2022.⁵

DS: Isso sem falar que eles mandavam um representante deles ir nas escolinhas

⁵ Disponível em: <<https://br.ternium.com/pt/sustentabilidade/desenvolvimento-social>>. Acesso em 12/04/2022.

aqui, e informavam “que na próxima semana ia passar um ônibus para levar as crianças e mostrar que não era nada disso que estava sendo divulgado”. Ganhavam um lanchinho lá, né. Entravam de manhã e saíam de tarde. Uma pessoa do nosso grupo que foi, disse que eles pediam e filmavam a identidade de todos. Mas nessa visita, a empresa só leva nos lugares limpos. Não leva nos lugares sujos. Onde têm os lugares chiques, bonito, filmava todo mundo lá. Depois levava para uma sala bonitinha, com ar condicionado, banheiro limpo, dava o lanchinho e depois levava de volta pra escola.

Eles me chamaram para ir uma vez. Eu falei que não ia, porque não ia ficar calada. Eu não sou comprada. Uma pessoa nossa foi lá pra saber como é, e passar pro nosso grupo, mas eu não vou. Eu não aguento.



Programa Voluntários em ação Ternium. Reúne funcionários da empresa, moradores e professores de escolas públicas para reformar escolas do bairro. Fonte: TERNIUM, 2022.⁶

ACMM: Quando realizamos a vigilância comunitária em saúde, eles também nos convidaram pra ir, mas não fomos.

DS: Quando nós nos encontrávamos em nossa reunião, ficava só passando os olheiros deles. Eles fizeram de tudo para acabar com nossas reuniões, que era para acabar com tudo, e àqueles três ou dois que ficassem desistirem. Para mim, enquanto tiver dois “Eu tô!”. Aqui chegaram a falar que eu fui comprada. Mas eu fui na reunião do nosso grupo pra esclarecer que eu quero o que é meu de direito. Se nós ganharmos esta causa, é por direito.

TRT: Quando esse grupo organizado apareceu e fez as denúncias através de reportagens, qual era o posicionamento da empresa frente ao argumento do impacto da “chuva de prata” na saúde dos moradores?

ACMM: Eles nunca falavam nada. Somente quando saía alguma reportagem, eles rebatiam. Mas aí teve até uma comunicação deles, que eles falaram que o ar daqui era melhor que o ar do Leblon. Mas no geral era isso, eles não falavam nada. As denúncias eram feitas, e eles continuavam operando como se nada tivesse acontecendo. Isso é assim até hoje. O que eles fazem são

⁶ Disponível em:

<<https://br.ternium.com/pt/novidades/noticias/voluntariado-11046933019>>. Acesso em 14/04/2022.

ações (sociais) que vão apagando tudo de ruim que fazem até hoje.

DS: Aline, eu não sei se você lembra, porque nas reuniões seu pai e sua mãe vinham e você estava estudando, mas teve uma vez que eles passaram batendo de porta em porta, oferecendo cestas básicas para pessoa calar. Aqui em casa eles não passaram. Muitos ali pra cima pegaram. O motivo era o impacto que estava alto. O Dom Pedro II (hospital) estava cheio. As clínicas com muitas crianças com problemas na pele. E muitas donas de casa que receberam estas cestas básicas, conhecidas minhas, reclamavam da sujeira. E eles informavam para elas que estavam pensando em pagar um grupo de pessoas para limpar as casas de quem não tivesse muitas condições. Mas nunca fizeram.

TRT: Aline, por outro lado, você e outros jovens que compõe o *Coletivo Martha Trindade*, realizaram um projeto de vigilância popular em saúde no bairro. Qual era o objetivo deste trabalho e o que esta pesquisa apresentou?

ACMM: Nosso objetivo era de a gente mesmo fazer a coleta e tudo mais para entender e falar o que realmente estava acontecendo. Para a gente conseguir interpretar o que foi que aconteceu. Em 2016 e 2017, nós fizemos duas rodadas do projeto de vigilância popular.

Primeiro fizemos em dezembro, e observamos que o nível de particulado não estava acima do que é permitido. Só que, além de terem sido meses de chuva, os dois fornos não estavam funcionando. Então não estava na totalidade que deveria ser, né. Por causa da precipitação, a partícula não fica no ar. Então não conseguimos realmente ver o que estava acontecendo. Então fizemos a segunda rodada no primeiro semestre de 2017, em janeiro, fevereiro e março, se não me engano. Aí, sim. Nesse período que estávamos sem chuva e a empresa funcionando normalmente, nós vimos que a quantidade de partícula do ar aqui, estava três vezes a mais do que era permitido pela OMS.



Aline sendo entrevistada na casa de “Dona” Sueli.
Fotografia: Thiago Roniere Tavares,
23 de março de 2022.

Fizemos o relatório, mandamos a denúncia para o Ministério Público. Mandamos para Câmara dos deputados, dos vereadores. Saiu uma matéria jornalística, e na outra semana a empresa foi no mesmo jornal informando que os níveis não eram esses, que estavam abaixo. Só que o tamanho do particulado que nós fizemos, era menor que o tamanho do particulado que eles estavam alegando. Então, com certeza, era diferente. Só que o que nós estávamos fazendo era muito mais grave, porque era um particulado muito mais fino, mas fácil de a gente inalar para o organismo. Só que logo depois que eles fizeram esta declaração, o jornal tirou nossa matéria do ar. Até hoje nos fazemos esta denúncia, levando este relatório para vários lugares, como escolas. Então eles conseguiram abafar, informando os níveis deles, só que ninguém tem acesso às informações, aos dados deles. A gente pede, mas não consegue. Sem falar que é difícil de interpretar os dados.

TRT: A vigilância popular em saúde foi realizada em parceria com mais algum grupo?

ACMM: Sim. Em parceria com um grupo de jovens do Maranhão, de Piquiá de Baixo, com o PACS, a FIOCRUZ, e a Justiça nos Trilhos, que são as duas organizações que assessoram aqui e lá. E

lá também deu bem acima do que aqui, porque lá é menor, mas as empresas estão ao redor do bairro. Lá já deu alto nos dois períodos. Aqui deu menor no primeiro período e maior no segundo. Lá deu nos dois períodos. Lá, eles estão pensando em realizar uma nova rodada, e nós aqui estamos pensando também. Para ver como está agora.

TRRT: Eu ia perguntar exatamente isso. Porque vocês não deram continuidade. Já que, inclusive, vocês identificaram um período do ano mais propício ao registro do material particulado. Você poderia dizer uma razão para que vocês não tenham realizado novas rodadas da vigilância?

ACMM: Acho que foram mais questões pessoais mesmo. Eu tive que ir para fora, para estudar. Mas também nós tivemos que começar com outras ações e fora que veio a pandemia e parou tudo. Aí, agora, estamos vendo se conseguimos fazer uma nova rodada para ver como que tá. Com a vigilância nós conseguimos identificar o horário que eles soltam mais material particulado. Como a “Dona” Sueli falou, é à noite que eles soltam mais. Provavelmente à noite tem os horários com os níveis mais altos, porque ninguém tá vendo, né. Eles aproveitam para liberar mais. Hoje em dia é até mais visível. Como eu moro mais distante, quando eu olho para cá, o céu fica

completamente claro. A cor é diferente de outras regiões. O céu da empresa é diferente, fora a fumaça e tudo isso.



Quintal de moradora com fundos para usina siderúrgica. Imagem destacando a poeira e o clarão no céu emitidos pela empresa. Foto: Anônima. Realizada às 18h38, no dia 21 de março de 2019.

TRT: Vocês acham que isso é uma estratégia da empresa ou ela sempre funcionou à noite?

ACMM: Acho que é uma estratégia. Porque as pessoas começaram a perceber que estava caindo poeira. Isso

não é normal. Durante o dia, quando está todo mundo aqui (no bairro), todo mundo andando, a produção é menor. À noite, quando todos estão dentro de casa, eles começam a liberar. Tanto que o cheiro forte, que o pessoal começou a sentir, também é à noite. A partir de umas 18h, sente-se um cheiro absurdamente forte de enxofre, sei lá. O pessoal fala que tem cheiro de barata. E outros bairros vizinhos aqui já começam a sentir também.

Se você entrar em uma página chamada *Santa Cruz News*, às vezes eles postam impactos da empresa. Aí tem gente que comenta: “Ah, eu sou do Morro do Chá, também estou sentindo aqui”.

Igual agora que o pessoal disse que está tendo umas explosões. O pessoal de longe disse que está escutando também. Todos sabem que é da empresa, mas eles não falam o que é. Dizem que houve alguma coisa, mas não tiveram feridos, e está tudo sob controle. Das três explosões que tiveram, eu escutei a última.

TRT: Aline, em outros momentos, você já tinha me falado sobre a questão do racismo ambiental em Santa Cruz. Nesse sentido, eu gostaria de perguntar por que você define o caso de Santa Cruz nestes termos?

ACMM: Acho que sim. Porque aqui a maior parte da população é negra e de baixa renda. E é o que acontece nos casos de racismo ambiental. Quando uma empresa de grande porte vem para uma região assim, em que há estas “minorias”. Então, nós vivemos o racismo ambiental... E é muito forte, porque a população não sabe como reagir, como agir nestas circunstâncias, e a empresa acaba fazendo o que bem entende. Aí entram os casos dos serviços sociais, das escolinhas, creches, que acabam por comprar a comunidade com estas coisas. A gente sabe que não é bem assim. Não é porque a empresa é boa. Ela está manipulando. É uma estratégia social para conquistar e apagar os impactos, que ela causa, no caso.

TRT: Eu queria apenas voltar para um dos impactos que vocês citaram no começo da entrevista, que diz respeito às inundações. Antes de a empresa chegar, como era? Ocorria este tipo de problema?

DS: Olha, para não dizer que nunca teve. Eu me lembro de uma tromba d’água em 1967. Eu tinha 14 anos. Mas aqui nessa casa que eu moro a 54 anos, nunca tinha visto encher nada. Agora depois desta empresa, o pessoal ali do São Fernando, do Alvorada, que tem a casa mais baixa, alagou tudo.

ACMM: Eles fizeram um desvio no São Fernando. Lá enchia sempre. É tanto que para parar de acontecer, eles tiveram que colocar uma bomba.

TRT: Para ir finalizando, gostaria que vocês falassem o que significou a venda da TKCSA para a Ternium. Houve alguma mudança?



“Dona” Sueli na entrevista em sua casa. Fotografia: Thiago Roniere Tavares, 23 de março de 2022.

ACMM: Quando ficamos sabendo que haveria esta venda, nós já tínhamos uma expectativa ruim. Porque ficamos sabendo que a Ternium da Argentina já tinha uma má fama. Na prática, não mudou muita coisa, porque eles mantiveram o que já estava sendo feito,

e agora o que está sendo diferente são estes novos impactos. Esse mau cheiro, as explosões, que a gente não sabe, e ainda continua caindo o pó. Então não mudou muita coisa. Eles mantiveram.

TRT: Por fim, o que vocês acham que poderia ser feito para melhorar as condições dos moradores?

ACMM: Eu acho que não tem possibilidades da empresa sair daqui, por conta do tamanho. Mas eu acho que deveria ter uma fiscalização forte. Ela deveria ser multada pelos impactos que causa. Eu acho que antes de renovar a licença ambiental, deveria ter uma fiscalização das medidas preventivas para que tivesse melhores condições nos filtros, para diminuir a poluição. Deveria ter um monitoramento ambiental que a gente não vê acontecer, tanto na fauna, como na flora.

Na própria água aqui que nós sabemos que eles liberam rejeitos nos rios e tudo mais, e impacta a Baía de Sepetiba, que tem ligação direta com o Rio São Francisco. E é uma coisa que impacta diretamente os pescadores, porque eles não têm mais acesso aos peixes, porque os peixes não entram mais nos rios. E agora os pescadores não têm mais tanto acesso à Baía de Sepetiba por causa do porto que foi construído. Então agora eles não têm mais o ir e vir para pescar, e, assim, a atividade

pesqueira da região caiu muito por causa disso. Eu já vi um monte de pescador passando dificuldade, indo lá em casa pedir ajuda para o meu pai, porque não tinha como ir pescar. Então acho que uma assistência para as famílias que precisassem tem que ser tanto financeira como de saúde também.

Nós sabemos de todos os impactos a nossa saúde, mas não temos nenhum tipo de núcleo especializado, como um dermatologista, um cardiologista. Deveria ter algum tipo de atendimento aqui na região e não tem. Nós sempre pressionamos e colocamos isso em pauta, mas nunca conseguimos nada. Acho que estes são os tipos de coisa que eles deveriam fazer pela população. Já que vão continuar, acho que estas seriam as medidas.

TRT: Queria desejar toda força na luta de vocês e agradecer pelo tempo dedicado para esta entrevista. Que ela possa inspirar outros processos de resistência, como me inspira.



“Dona” Sueli e Aline na laje da casa de “Dona” Sueli com pó de ferro nas mãos. Fotografia: Thiago Roniere Tavares, 23 de março de 2022